

BENTO ANTAS DA CRUZ

O CASTELO DE FARIA

(CANCIONEIRO)



1943



4.3-1 A/Z "15/18"

ESTE ANTIGO CASTELLO  
TINHA RECORDAÇÕES DE  
GLORIA

A. Herculano—LENDAS e  
NARRATIVAS.

## Simples palavras ao leitor

CALIOPE, a musa predileta e que preside á poesia heroica, achou nas ruinas do Castelo de Faria o seu passatempo e, então, cantando, enaltece os feitos gloriosos dos antigos portugueses.

Tange a sua lira cheia de entusiasmo e mestria, fazendo a admiração dos amantes do bom gosto e das belas artes.

Dos seus cantos, revividos na ortografia original, fiz esta compilação que o leitor apreciará, dando-lhe o devido merecimento.

O AUTOR

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Legado  
Álvaro Arezes L. Martins

Nº 59886

*Barceliana*



## ONDE NASCEU PORTUGAL

Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
.....

Ao propósito firme segue o effeito.

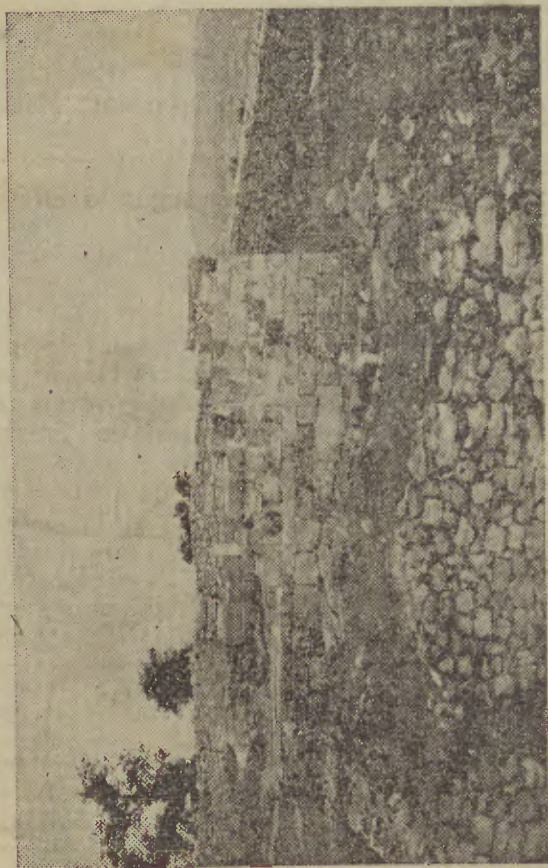
D. Afonso Henriques, ainda infante ou príncipe, com 18 anos de idade, revolta-se contra D. Tereza, sua mãe; por ela entregar as rédeas do governo do Estado a Fernão Peres de Trava, conde de Trastámara, em Galiza. (1)

A guerra civil de 1127—28, põe á frente do movimento dos nobres insubmissos a tão despótico governo o jovem príncipe, que, auxiliado por eles, se apoderou dos CASTELOS de NEIVA e de FARIA.

E, por este ser o primeiro cometimento guerreiro de D. Afonso Henriques, foi aqui ONDE NASCEU PORTUGAL.

---

(1)—« A guerra que deu o governo do paiz a D. Afonso Henriques, não se pôde dizer que fosse dirigida contra sua mãe D. Tereza, mas sim contra o conde de Trava que era então o verdadeiro soberano. »



**Ruínas do célebre Castelo de Faria, no  
monte da Franqueira**

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte, e famoso Hungaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade  
O esp'rito deo a quem lho tinha dado :  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pai deixava seu traslado;  
Que do mundo os mais fortes igualava,  
Que de tal pai tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta que a mãe tomando todo o estado,  
Do segundo hymeneo não se despreza.  
O filho orpham deixava desherdado,  
Dizendo, que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era,  
Porque para casar seu pai lhas dera.

Mas o principe Afonso, que desta arte  
Se chamava, do avó tomando o nome,  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as manda, e come;  
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina comsigo como as tome.  
Resolvidas as causas no conceito,  
Ao proposito firme segue o effeito.

## GUERRA DEPLORAVEL COM CASTELA

Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Em fevereiro de 1373, reinando entre nós D. Fernando, os castelhanos comandados por D. Pedro Rodrigues Sarmiento, adiantado da Galiza, invadiram a provincia do Entre Douro e Minho e chegaram até ás imediações de Barcelos, onde se feriu a batalha de Echate <sup>(1)</sup> e ficou cativo Nuno Gonçalves, alcaide-mór de Faria, que depois morreu heroicamente diante dos muros do seu castelo pelo não querer entregar ao inimigo. Ségue-se a obstinada resistencia de seu filho Gonçalo Nunes, e a destruição da vila de Rates, cabeça do julgado de Faria. <sup>(2)</sup>

---

(1)—*Echate*, assim se chamou antigamente a freguesia de S. Tiago dos Feitos, no concelho de Barcelos, onde corria a estrada mais movimentada da cidade do Porto para a Galiza, conhecida também por Estrada Real.

Ha na freguesia dos Feltes o lugar da *Fonte dos Mórto*s, cujo nome adquiriu, segundo a tradição, pelos que ali perderam a vida, na batalha que se feriu n'na sexta-feira 21 de fevereiro de 1373.

(2)—A villa de Rates foi destruida varias vezes pelos gallegos, tendo guerras comâoço.

Segundo o meu conhecimento, em 1336, nas desavenças entre o nosso D. Afonso IV e seu genro D. Afonso XI, de Castela, foi ella invadida.

Atravessando o rio Minho perto da sua foz, e seguindo p'lo litoral até o Porto, assolaram esta provincia D. Fernando de Castro e seu irmão D. João de Castro, fronteiros-móres da Galiza, que á frente dum grôso cõrpo de gente de pé e de cavallo, entraram na villa de Rates, que saquearam e destruíram.

Succedera-lhe o mesmo na incursão de D. Pedro Rodrigues Sarmiento, adiantado da Galiza, em 1373.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,  
(Vede da natureza o desconcerto !)  
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,  
Que todo o reino poz em muito aperto:  
Que vindo o Castelhana devastando  
As terras sem defeza, esteve perto  
De destruir-se o Reino totalmente,  
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foi castigo claro do peccado  
De tirar Leonor a seu marido,  
E casar-se com ella de enlevado,  
N'hum falso parecer mal entendido;  
Ou foi que o coração sujeito e dado  
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
Molle se fez, e fraco; e bem parece,  
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiveram sempre a pena  
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;  
Os que foram roubar a bella Helena;  
E com Apio tambem Tarquino o vio :  
Pois por quem David sancto se condemna ?  
Ou quem a Tribu illustre destruiu  
De Benjamin ? Bem claro no-lo ensina  
Por Sara Pharao, Sichem por Dina.



E pois se os peitos fortes enfraquece  
Hum inconcesso amor desatinado,  
Bem no filho de Alcmena se parece,  
Quando em Omphale andava transformado.  
De Marco Antonio a fama se escurece  
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.  
Tu tambem. Peno prospero o sentiste,  
Depois que hu'a moça vil na Apulia viste !

Mas quem pode livrar-se por ventura  
Dos laços que Amor arma brandamente  
Entre as rosas, e a neve humana pura,  
O ouro, e o alabastro transparente ?  
Quem de huma peregrina formosura,  
De hum vulto de Medusa propriamente,  
Que o coração converte que tem preso,  
Em pedra não; mas em desejo acceso ?

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
Huma suave, e angelica excellencia,  
Que em si está sempre as almas transformando,  
Que tivesse contra ella resistencia ?  
Desculpado por certo está Fernando,  
Para quem tem de amor experiencia :  
Mas antes tendo livre a phantasia,  
Por muito mais culpado o julgaria.

FALA de D. NUNO ALVARES PEREIRA no  
CONCELHO de GUERRA, REUNIDO no  
CASTELO de ABRANTES

Eu só com meus vassallos, e com esta  
(E dizendo isto arranca meia espada)

Antecedendo a batalha de Aljubarrota, dada a 14 de Agosto de 1385, El-rei D. João I, armou cavaleiros, entre outros nobres mancebos, a Alvaro de Faria e Estevam Lourenço Gaio, fieis vassallos do seu Condestavel, e respectivamente filho e genro de Nuno Gonçalves, alcaide-mór do castelo de Faria. (1)

A'quellas duvidosas gentes disse,  
Com palavras mais duras que elegantes,  
A mão na espada, irado, e não fecundo,  
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

Como da gente illustre Portugueza,  
Ha de haver quem refuse o Patrio Marte?  
Como, desta provincia, que princeza  
Foi das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de sahir quem negue ter defeza,  
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte  
De Portuguez, e por nenhum respeito,  
O proprio Reino queira ver sujeito?

---

(1)—Nuno Gonçalves, alcaide-mór do Castelo de Faria, casara duas vezes:—Em primeiras nupcias, com D. Tereza Gonçalves de Meira, fi'ha de Gonçalo Pais de Meira, um dos vencedores dos castelhanos na batalha da Veiga das Favas, junto a Guimarães, em 1371, e neto de Paio de Meira, meirinho-mór da provincia de Entre Douro e Minho no reinado de D. Afonso IV, e dela teve filhos: Gonçalo Nunes, D. Tereza de Meira Faria e Alvaro de Faria, e, em segundas nupcias, com D. Constança Afonso, não havendo progele deste matrimonio,

Como ? Não sois vós inda os descendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira  
Do grande Henriques, feros e valentes,  
Vencestes esta gente tão guerreira ?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,  
Puzeram em fugida, de maneira,  
Que sete illustres Condes lhe trouxeram  
Presos, agora a presa que tiveram ?

Com quem foram contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vós,  
Por Diniz, e seu filho, sublimados,  
Senão co'os vossos fortes pais, e avós ?  
Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,  
Torne-vos vossas forças o Rei novo;  
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes  
Igual ao Rei que agora alevantastes,  
Desbaratareis tudo o que quizerdes,  
Quanto mais a quem já desbaratates :  
E se com isto em fim vos não moverdes,  
Do penetrante medo que tomastes,  
Atai as mãos a vosso vão receio,  
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta,  
(E dizendo isto arranca meia espada)  
Defenderei da força dura, e infesta,  
A terra nunca de outrem subjugada :  
Em virtude do Rei, da Patria mesta,  
Da lealdade já por vós negada,  
Vencerei, não só estes adversarios,  
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.



NUNO GONÇALVES, ALCAIDE-MOR

D O

CASTELO DE FARIA, sacrificando a vida pela  
Pátria (Quadro de Ernesto Condeixa, existente no  
palacete do Ex.<sup>mo</sup> Snr. José de Bessa e Menezes).

DAS CÓPLAS SOBRE as «ARMAS e BRAZÕES»  
da NOBREZA deste REINO

por

JOÃO RODRIGUES de SÁ e MENEZES (1)

Oo pee dum castello herguido,  
por se nom ver abaixado,  
jaz huum corpo espedaçado,  
em muytas partes partydo,  
por nom ser duma apartado.

Farie-é, que nom farya,  
peronde a cavallaria  
se perdesse, erro nem tacha,  
que desta maneira s'hacha,  
por guardar o que devya.

«Cancioneiro Geral» de Garcia de Rezende, 1516.

---

(1)—*João Rodrigues de Sá e Menezes*, poeta do século XVI, foi senhor de Baltar, Paiva, Matosinhos, etc. e alcaide-mór do Porto, onde faleceu com 115 anos de idade. Como embaixador dos reis D. Manuel e D. João III passou a Castela e a Saboia, pelo casamento da infanta portuguesa D. Beatriz. Manteve relações de amizade com Damião de Góis e Sá de Miranda, merecendo-lhes referências elogiosas. Dos trabalhos literarios deste erudito fidalgo se publicaram duas cartas, uma poesia em latim e outras em português, que traz o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende.

## EPISÓDIO DO CASTELO DE FARIA

por

JERÔNIMO CORTE-REAL (1)

Nas guerras que Fernando Lusitano  
Teve já com Castella antigamente,  
Reinando Henrique então, Rey Castellhano,  
Com perdas, & com mal de muita gente,  
Ambas partes igual recebem dano,  
Em ambas o trabalho está evidente;  
Inda que o Portuguez males passava,  
Das perdas co a menor sempre ficava.

Estava no castello de Faria  
Hum Portuguez leal, digno de gloria,  
Nuno Gonçalves hê, que residia  
Nelle, como ficou por clara historia,  
E vendo que o Sarmiento já vencia;  
Inda que era sangrenta a sua victoria,  
O castello deixando a bom recado,  
Entre os seus cavalleiros vem armado.

---

(1) — *Jerónimo Corte-Real*. Fidalgo, soldado, pintor e poeta. Como capitão-mór das nossas armadas percorreu a India e, acompanhando a el-rei D. Sebastião a África, pelejou na batalha de Alcacer-Quibir, onde foi prisioneiro, em 1578.

As suas obras são : *Segundo cerco de Din*, poema de 21 cantos, em verso solto; *Austriada*, sobre a batalha de Lepanto ganha por D. João de Austria contra os turcos, poema de 15 cantos na lingua castelhana; *Naufragio de Sepúlveda*, poema de 17 cantos em verso heroico; *Auto dos quatro novissimos do homem*, poemeto em verso solto. Em todas as suas composições ha ephódios de merecimento e como aliava á faculdade poética o conhecimento da pintura, illustrou-as com desenhos das batalhas e dos naufragios; era, porem, um pintor mediocre, assim o diz o Snr. Albino Pereira Magno.

Com colerica furia entra ferindo  
Os que já vencedores se mostravão,  
Mas aquelles ao encontro resistindo,  
O pequeno esquadrão desbaratavão :  
O Capitão fortissimo sentindo  
Que as forças ao cavallo já faltavão,  
Querendo sustentar-se cae em peso,  
E foi dos Castelhanos logo preso.

Assi passou aquelle triste dia,  
De varios pensamentos avexado;  
Dura afflicção, & intrinseca agonia  
O tem posto em tristissimo cuidado :  
Imagina que o filho entregaria  
Por ventura o castello encomendado,  
Se diante dos seus olhos o levassem,  
E com morte, ou tormentos o ameaassem.

E co este trabalhado pensamento,  
Nunca o peito afligido assossejou,  
Sentindo dentro nalma tal tormento,  
Que pouco em toda a noite repousou :  
É com dissimulado fingimento,  
Tanto que o Sol a terra alumiou;  
Diz ao hespanhol Sarmiento, que o mandasse  
Pera ao filho dizer, que se entregasse.

De tal caso o Sarmiento muy contente  
O manda levar logo a bom recado;  
De muita bem armada, & forte gente,  
Vai o Capitão preso, rodeado;  
Com passo acellerado, & diligente,  
Ao conhecido muro já chegado  
Chama o filho, & em voz alta lhe disse,  
Porque o hespanhol inimigo bem o ouvisse.

Já sabeis, filho meu, como jurei  
A el Rey, nosso senhor, com grão firmeza,  
E a omenage, & fé sincera lhe dei,  
De guardar esta sua fortalleza :  
O acontecido mal não sospeitei,  
Em que agora me vejo, em tal baixeza  
Nas mãos de meus inimigos vencedores,  
Por terem mor poder, forças mayores.

Por benção paternal, filho, vos mando,  
Que o castello del Rey o defendais,  
Nenhum pacto sobre isto aqui aceitando;  
Mas antes o inimigo resistais :  
Ainda que do feroz contrario bando  
Aqui fazer pedaços me vejais,  
Estai firme, constante, estai seguro,  
Que menos he morrer, que serperjuro.

A el Rey de Portugal, nosso senhor,  
O entregareis, & a quem elle mandar,  
Não vos mova de mim piedade, ou amor,  
Nem tormentos, que aqui me vejais dar :  
Passarei levemente a morte, & a dor,  
Pois immortal a fama ha de ficar;  
Guardai minha omenage prometida,  
Que eu quero, & estimo mais, q'a a propria vida.

Estas palavras dignas de memoria  
Disse : & dos Castelhanos foi ferido,  
Alcançando huma illustre, alta victoria,  
Cae morto e prisioneiro, não rendido.  
Coroa de louvores, de fama, & gloria,  
Ganhou, ficando o corpo alli estendido :  
E hum nome heroico ao mundo eternamente  
Ficara de hum varão tão excellente.



## DE PEDRO de AZEVEDO TOJAL (1)

.....

Os que viste até aqui Conquistadores,  
Forão do Luso Imperio tão preclaro;  
Vamos agora aos bravos Defensores,  
Cujos peytos lhe forão muro y amparo:  
Este que de morrer entre os furoses  
De Marte alegre ostenta o vulto claro,  
Nuno Gonçalves he, a quem a sorte  
Braço izentou das duas leys da morte.

*Carlos Reduzido, Inglaterra Illustrada, 1716, canto XI, est. 27.*

---

(1)—*Pedro de Azevedo Tojal*. Poeta do século XVIII que traduziu do italiano as obras de Tasso e que escreveu o poema *Carlos Reduzido* (Lisbôa—1716) e o poema heroi-cómico *Fogueteiro* (1729), para ridicularisar o inventor dos balões Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, por antonomasia o *Voador*. Mendes dos Remédios nos seus «Subsídios», vol. IV, reeditou este ultimo poema de Azevedo Tojal.

## PORTUGAL VELHO no SÉCULO XIX

pelo

VISCONDE de AZEVEDO (1)

Os nossos avós jarretas,  
Lá nos tempos corunchosos,  
Ao lume, contando pétas,  
Entre creados idosos,  
Passavam noites selectas.

Folkas, chás e contradanças  
São coisas que nunca viram!  
Todas as suas mestranças  
D'Africa os mouros sentiram  
Na ponta das fortes lanças.

Tinham barbas não pequenas,  
Bigode em forma avultada,  
Cabeleiras nazarenas,  
Nunca usaram nem pomada  
Que lhes ungisse as melenas.

---

(1)—Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca de Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho, foi feito 1.º Visconde de Azevedo por dec. de 19 de Agosto e carta de 9 de Setembro de 1846, e elevado a 1.º Conde do mesmo título, em sua vida, por dec. de 23 de Novembro e carta de 5 de Dezembro de 1876.

Faleceu no Porto a 25 de Dezembro de 1876.

A sua bibliographia é extensa porisso, deixo de a descrever nestas minhas ligeiras notas.

Vinha o padre capelão  
As vidas dos santos ler,  
E muitas vezes então,  
Quem a Asia fez tremer  
Chorava de compunção!

Crença tão sincera e pia  
Creou quasi homens divinos!  
Da descrença hoje a mania  
Cria apenas figurinos  
Com fôrma varia de enguia.

Mosca subtil hoje pende  
Sob o mesquinho bigode...  
Quem tal miseria atende  
Com razão duvidar pôde  
De onde esta barba descende!

Palavra, de um portuguez  
Valia como escritura:  
Da barba cabelos trez  
Hipoteca eram segura  
Quando o grande Castro o fez!

Palavras hoje, aos milhões,  
Não faltam... isso é verdade;  
Mas vê-se tremer sezões,  
Quem teve tanta bondade  
Que emprestou os seus tostões!

NO CASTELO DE FARIA  
SUSTENTA LEAL SOLDADO  
ESSA HERDADA VALENTIA,  
COM QUE UM CIDADÃO HON  
A VIDA A PATRIA OFFER CIA

biblioteca  
municipal  
barcelos



59886

O Castelo de Faria